

# O ensino da literatura e seu espaço de formação

## Inês Regina Waitz\*

Mestre em Teoria da Literatura - UNESP  
Coordenadora do Curso de Letras do  
Centro Universitário Anhanguera - Unidade Pirassununga  
e-mail: ines.waitz@unianhanguera.edu.br

### ■ Resumo

Este artigo pretende apresentar algumas reflexões sobre o ensino da literatura no curso de Letras. Primeiramente nos referimos ao contexto, onde se instaura a suposta crise das literaturas, em que há um indiscutível “iletrismo” literário, para então apresentamos dois espaços de formação do leitor: a aula e a extensão. Trata-se, nessa segunda parte, da análise de práticas educativas utilizadas em um curso de licenciatura, em que a maior parte dos alunos são trabalhadores e iniciam a vida acadêmica sem o hábito de ler. A partir dessa realidade o desafio do ensino da literatura é a formação de professores-leitores.

**Palavras-chave:** ensino, literatura, leitores, aula, extensão.

### ■ Abstract

This paper aims to present some reflections on the teaching of literature during the studies of “Licenciatura em Letras”. At first we make an explanation on the context in which the supposed crisis of literature takes place: there is an unquestionable “literary illiteracy” in it. Then we present two spaces for the reader’s formation: the

classroom and the open courses for the community. This second part analyses the educative practices involved in a graduation course in which most of the students work and start their academic life with little habit of reading. From this reality the challenge of teaching literature is the formation of reader-teachers.

**Key-words:** education; literature; readers; classroom; open courses for the community.

### ■ O contexto: para que servem as literaturas?

Vivemos numa sociedade marcada pelos contrastes: de um lado uma maioria populacional, condicionada à pobreza, e, de outro, uma minoria economicamente e socialmente mais bem sucedida.

Nesse contexto, vários resultados de pesquisas e estatísticas apontam níveis elevados de analfabetismo funcional, a ponto de apenas a pequena parte da população chegar ao grau correspondente à capacidade de interpretar textos mais complexos. Em resumo, é comum ouvirmos que, a sociedade brasileira escreve e se expressa mal, pois falta o hábito da leitura. Por conseguinte, apresentam dificuldades de raciocínio, compreensão e interpretação da realidade.

Esse fato pode estar relacionado à crise da

\*Bolsistas FUNADESP - Fundação Nacional de Desenvolvimento do Ensino Superior Particular

literatura, apontada por alguns estudiosos, como a ensaísta Leyla Perrone-Moisés:

...a literatura fundamentada em valores, tal como concebida pelos modernos, ainda existe? (...) A literatura, que durante séculos ocupara um papel relevante na vida social, tornou-se cada vez menos importante. (...) A literatura não desapareceu, mas recolheu-se a um canto” (1998, p. 15).

Parece contraditório esse pensamento diante da imensa produção de livros que presenciamos na atualidade. Porém, o clássico jargão “quantidade não reflete qualidade” ainda se repete. A gigantesca Bienal do Livro, por exemplo, é um programa válido, mas pontual, que, infelizmente, não auxilia o acesso à leitura de maneira contínua.

Antonio Cândido afirma que se a grande massa não lê, não é por incapacidade, e sim por privação (1995, p. 262). Privar as camadas populares do acesso aos clássicos e às leituras polêmicas é uma atitude autoritária, pois pressupõe a supremacia de uma parte da sociedade sobre a outra. “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”. (idem, 263)

A Literatura, que é a arte da palavra, deve estar presente na vida cotidiana de pobres e ricos, pois reflete sobre manifestações ficcionais que expressam os valores, a cultura e a identidade do contexto ao qual o homem pertence.

A Literatura, portanto, é feita pelo homem e por ele deve ser absorvida, independente das diferenças sociais, pois faz pensar, promove visões sobre o mundo e sobre o indivíduo, cultiva emoções, representa verdadeiramente a identidade de um povo, enfim, pode contribuir na luta pelos direitos do homem, fomentando assim a idéia de uma sociedade mais justa e, portanto, mais humana.

Hoje, vivemos em uma época de grandes progressos tecnológicos e modernização, mas também nos deparamos com uma enorme “dezumanização” das pessoas, o que se reflete na falta de valores. Eis o grande desafio do nosso contexto: auxiliar os jovens na sociedade atual a resgatar os seus valores. E a literatura é um precioso instrumento de resgate, onde aprendemos a organizar as nossas emoções e ampliamos a nossa visão de mundo, ajudando-nos a tomar uma posição diante das questões sociais.

Por isso, é preciso trazer a literatura para a sala de aula, para “despertar” no aluno o sabor de ler, é preciso também propiciar condições para o prazer como satisfação de necessidades e para a consciência social da literatura. Nesse contexto vale a pena trazer Ítalo Calvino “Minha confiança no futuro da literatura consiste em saber que há coisas que só a literatura com seus meios específicos nos pode dar.” (2000, p. 43)

## ■ Leitura e literatura na escola

Se examinarmos os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ministério da Educação, PCNs, no capítulo sobre Linguagens, Códigos e suas Tecnologias no Ensino Médio, a literatura deixa de existir, com a justificativa de corrigir o modo como a disciplina, na LDB nº 5.692/71, vinha dicotomizada em Língua e Literatura (com ênfase na literatura brasileira). O abandono dessa dicotomia são justificados por argumentos polêmicos:

O conceito de texto literário é discutível. Machado de Assis é literatura, Paulo Coelho não. Por quê? As explicações não fazem sentido para o aluno. Outra situação de sala de aula pode ser mencionada. Solicitamos que alunos separassem de um bloco de textos, que iam desde poemas de Pessoa e Drummond até contas de telefone e cartas de banco, textos literários e não-literários, de acordo como são definidos. Um dos grupos não fez qualquer separação. Questionados, os alunos responderam: ‘Todos são não-literários, porque servem apenas para fazer exercícios na escola.’ E Drummond? Responderam: ‘Drummond é literatura, porque vocês afirmam que é, eu não concordo. Acho ele um chato. Por que Zé Ramalho não é literatura? Ambos são poetas, não é verdade?’

O que se observa é que a literatura foi colocada em segundo plano. Há a necessidade de resgatar os diferentes olhares de leitura de um texto. Não se deve ler um texto do século XVII com o mesmo olhar que se lê um do século XX. Não se pode ler Paulo Coelho com as mesmas intenções e olhares em que se lê Machado de Assis, o que não quer dizer que cada uma não terá o seu valor.

Diante desse quadro, percebe-se que a escola não está vencendo o desafio de promover o letramento. Dentre os vários fatores que contribuem para essa fragilidade, há uma incompreensão do significado do ato

de ler, que dissocia as atividades de leitura das práticas sociais comunicativas e acaba por resultar em atos de leitura produzidos no espaço escolar, não reproduzidos na vida cotidiana. Como defende alguns teóricos, a leitura começa na compreensão do contexto em que se vive ou na relação estabelecida:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1982).

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é (FOUCAMBERT, 1994).

Numa escola, os educadores devem favorecer a formação de leitores, e a leitura deve ser encarada como ato libertador, assegurando que perguntas e respostas pessoais passem a fazer parte do programa. Numa escola assim, a leitura seria um instrumento do processo de humanização, uma vez que construir sentidos significaria construir respostas pessoais para a edificação de um mundo humano, considerando nessa tarefa as idéias, os sonhos, os sentimentos e a imaginação do sujeito leitor em diálogo com outros homens.

Nesse contexto, a questão dos materiais de leitura é essencial, pois reflete a qualidade dos textos de que o aluno dispõe para constituir-se leitor. A adoção de clássicos literários na escola contribui não só para a formação do leitor em sentido restrito, mas também para sua formação como ser humano e cidadão. É na Escola que a maioria dos leitores em formação terá sua única chance de entrar em contato com a literatura clássica. Para isso, o professor precisa saber “apresentar” as obras clássicas, dirigir o olhar para o passado para que se possa compreender o presente. O conteúdo histórico-memorialista deve ser negociado com os alunos e pode ser muito atraente para que se possa traçar a trajetória da humanidade.

Vivemos a época da informação, em que a explosão da imagem contribui para a falta de concentração e a busca pela rapidez. O mundo está

acelerado e cabe ao professor lidar com essa situação de maneira a ajudar o aluno a ter uma leitura mais paciente e atenciosa. É preciso ensinar o menino a ter atenção para poder enxergar a beleza do mundo, que tanto pode estar na história em quadrinho quanto nas páginas dos romances escritos por nossos antepassados.

A professora Maria Lília Simões de Oliveira diz: Penso ser melhor pecar por excesso do que por omissão. Então, vamos aos clássicos! Se pudermos ir aos textos originais, integrais, ótimo. Caso contrário, é melhor apresentar versões, adaptações... porque de qualquer modo sempre será melhor este contato “superficial” com textos canônicos do que passar o resto da vida lendo apenas a literatura facilitadora, redutora, tão divulgada por editores nas feiras de livros e nos catálogos (2001, p.21).

Assim, aderimos à idéia de que para formar o leitor é preciso entender o ato da leitura como uma interação entre leitor e texto. Isso significa considerar o mundo do leitor, como diz Maria Helena Martins (1985):

(...) a leitura é uma experiência individual sem demarcações de limites, não depende somente da decifração de sinais gráficos, mas sim, de todo o contexto ligado à experiência de vida de cada ser, para que este possa relacionar seus conceitos prévios com o conteúdo do texto e, assim, construir o sentido. (p. 17).

Nesse sentido, compreender um texto implica ser capaz de apreender as intenções do autor, considerando as linhas e entrelinhas. Assim, o preenchimento do vazio, tal como Iser (1996) desenvolve na estética da recepção, é tarefa do leitor, auxiliado, sempre que necessário, pelo professor que assume o compromisso de apresentar-lhe o texto.

Considerando que os textos são diversificados e dotados de polissemia, a leitura só é possível se o leitor conseguir reconstruir o texto a partir de suas próprias experiências, interagindo com o texto e com o autor do texto.

Assim, entendendo que o conceito de leitura está intimamente relacionado ao leitor e seu repertório contextual, torna-se pertinente uma distinção que ressalta a compreensão que temos por leitor. Segundo Edmir Perotti (2006), há uma diferença entre leitores e leitores:

Os primeiros seriam sujeitos que se relacionam apenas mecanicamente com a linguagem, não se preocupando em atuar efetivamente sobre as

significações e recriá-las. O texto é tabula rasa, exposição sem mistérios das poeiras do mundo. Os leitores, ao contrário, seriam seres em permanente busca de sentidos e saberes. (p. 27).

Procuramos, condizentes a essa idéia, delinear o perfil de leitor que buscamos, ou seja, consideramos leitor o sujeito ativo do processo, que produz sentidos junto ao texto, e não aquele que apenas consome idéias. Porém, admitimos que o leitor pode optar por ser ledor em horas de descontração, pois ser ledor quando se é leitor é condição completamente distinta de ser ledor por falta de opção (ibid, p. 29).

Assim, compreendemos que o papel do professor-leitor é vencer os desafios de estabelecer o diálogo dos alunos com o mundo, utilizando todos os tipos de textos com os quais convivem diariamente. A leitura deve integrar as atividades pessoais e cotidianas do professor que ao desenvolver o gosto e o interesse pelo trabalho com textos, no sentido de ampliar a visão de mundo e compreender o sentido das palavras, garantirá as condições necessárias para enfrentar os graves problemas de letramento da população estudantil.

### ■ Práticas educativas no ensino superior: a formação do professor-leitor

A partir desses conceitos, compreendemos que todo professor é ledor, pois são alfabetizados e lêem jornais, revistas, cartazes, livros didáticos, bulas, propagandas, apostilas, textos da internet, etc.

Quando nos voltamos para a questão de alunos-trabalhadores em cursos de formação docente, os quais se submetem à práticas de leituras limitadas, por suas condições de trabalho, constatamos que algumas práticas educativas são fundamentais na formação do professor-leitor. Isso quer dizer que só o trabalho em sala de aula não é suficiente para instigar os futuros profissionais a desenvolverem suas habilidades com a leitura, assim como para procurar meios de multiplicar o trabalho com textos em sala de aula.

Diante disso, procuramos comentar dois espaços de formação do professor-leitor: a aula e um projeto de extensão.

#### ■ A aula

Quando se propõe uma discussão sobre o ensino de literatura na universidade, tem-se como pressuposto

que seja possível ensinar e aprender literatura em sala de aula.

O que ocorre é que as aulas tendem a cair na visão cartesiana de trabalhar a História da Literatura. E quando há trabalho com textos, o poder dominador da voz do professor se sobrepõe ao pensamento dos alunos, mesmo sem essa intenção, pois a maioria faz questão de deixar claro que não discorda das interpretações dadas pelo professor. Embora admitam às vezes ter uma certa dificuldade em aceitar a leitura do professor, acreditam que isso se deva mais à sua própria incapacidade de alcançar o conhecimento do professor e acabam aceitando como verdade absoluta o que ele tem a dizer sobre a interpretação das obras estudadas.

Na maior parte das vezes, o professor é capaz de convencê-los usando bons argumentos, lógica e evidência textual. O resultado é que os alunos não ficam conhecendo as verdadeiras intenções do autor, pois o professor passa a ser o emissário do texto.

Acredita-se que literatura possa ser tanto ensinada, ao seguirmos convenções literárias e interpretativas ou percebermos contextos culturais e históricos, quanto aprendida, através da capacidade de cada indivíduo de fazer associações, comparações e ligações e da confiança na capacidade individual de construção de interpretações pessoais mesmo após a exposição a pontos de vista - ou leituras - diferentes.

Porém, o que preocupa é a questão da aprendizagem, pois exige uma relação entre os alunos e os textos, ou seja, em como os alunos recebem a imposição do cânone, e em como eles percebem suas propriedades interpretativas. Pois ao nos remetermos à literatura, através do discurso poético, precisamos nos afastar da linguagem objetiva, impessoal e unívoca dos livros-didáticos, pois os discursos literários são subjetivos e devem resultar em múltiplas leituras. E é exatamente nesse ponto que os alunos sentem dificuldade, pois precisam abdicar de ver o mundo do ponto de vista da objetividade para adentrarem no reino da subjetividade, da intuição, do imaginário e da fantasia (AZEVEDO, 2004, p. 40):

Através de uma história inventada e de personagens que nunca existiram, é possível levantar e discutir assuntos humanos relevantes, muitos deles, aliás, geralmente evitados pelo discurso didático-informativo. Entre outros: as paixões e as emoções humanas; a busca do auto-conhecimento; a tentativa de compreender nossa identidade (quem somos); a construção da voz pessoal;

as inúmeras dificuldades em interpretar o “Outro”; as utopias individuais; as utopias coletivas... (Idem, p. 41)

Ressalta-se que o espaço do aprendizado literário em sala de aula, por mais que o professor de literatura tente, fica limitado, devido às questões descritas. Entretanto, há outros espaços onde se verifica um aprendizado mais satisfatório. É o caso de projetos de extensão, que consistem em um trabalho eficiente, se articulado às aulas, pois neles se verifica um envolvimento direto dos alunos com os textos.<sup>1</sup>

### ■ A extensão: Projeto Literatura Viva

Esse projeto foi criado, pelo curso de Letras, no segundo semestre de 2001 com objetivo de contribuir para o aperfeiçoamento do espírito crítico do aluno de ensino médio diante dos textos literários escritos em língua portuguesa, exigidos como leitura obrigatória nos principais vestibulares do país. Iniciamos o Projeto com apenas dez alunos de segunda e terceira séries do ensino médio de algumas escolas estaduais de Pirassununga. Avaliamos, nessa primeira fase que a falta de interesse desses alunos pelo “cursinho proposto” se devia à exigência da leitura das obras, colocadas como tarefa específica para a obtenção de certificado de participação.

Na graduação, a mesma cultura da cobrança imperava, pois embora houvesse interesse pelo estudo das obras selecionadas (e que constavam no Programa do antigo “Provão”) as caretas dos graduandos (monitores ou não) se faziam presentes. Embora todos acreditassem na importância de tal estudo, haviam argumentos mais fortes: caía na prova e era a oportunidade de cumprir as horas da parte prática de formação, neste caso para os monitores.

Os encontros aconteciam aos sábados à tarde, tanto para a preparação como para o desenvolvimento das aulas. Eram doze monitores, sendo sete do 1º ano e cinco do 2º ano, que se dividiam de forma que cada grupo assumia o estudo e o planejamento da aula de uma das obras do Programa. Desses, apenas sete continuaram no ano seguinte.

Em 2002, o projeto funcionou aos sábados pela manhã, na cidade de Leme, e à tarde, na cidade de Pirassununga. Os objetivos permaneceram e a programação sofreu alterações, acrescentamos obras românticas no primeiro semestre e deixamos as obras modernistas somente para o segundo semestre. A partir do segundo semestre, as aulas de literatura foram

mescladas com aulas de redação, orientadas pela professora de Língua Portuguesa, que tinha outro grupo de monitores. Os temas discutidos nos encontros literários eram retomados na produção escrita. Por exemplo, após a aula sobre *Macunaíma*, puxava-se a discussão sobre o papel do herói na sociedade brasileira. Os textos eram produzidos e os monitores se dividiam em grupos para a correção, sob a supervisão do professor responsável pelo Projeto. O trabalho do primeiro semestre e a divulgação feita nas escolas públicas das duas cidades resultou num encerramento com a participação de cerca de oitenta alunos recebendo os certificados.

O Projeto havia crescido em qualidade e proporção, já que durante esse ano a preocupação com a didática da aula foi intensa. Reuniões para planejamento e produção do material, associadas aos encontros individualizados com o grupo que iria ministrar a aula, para verificação do material, da consistência teórica da seqüência didática da aula, foram imprescindíveis para o sucesso do trabalho. Durante as aulas, os monitores que não estavam ministrando o curso assistiam às exposições dos colegas e após as aulas eram feitos comentários sobre os procedimentos utilizados a fim de auxiliar o trabalho das aulas programadas. Nesses momentos exercitávamos a leitura do texto, a leitura da aula, a reflexão individual e coletiva, aprendendo a analisar criticamente e construtivamente o texto e o fazer do outro.

Em 2003 e 2004, mais maduro e solto dos vínculos e obrigações de leitura impostas e destituído da visão cartesiana presente nos manuais didáticos, em que muitas vezes o texto é explicado pelos períodos em que estão inseridos, fomos inserindo textos que variavam entre poesia, contos ou uma tentativa de se trabalhar a literatura partindo de temas interessantes para os alunos participantes, propondo uma leitura reflexiva, a partir do conflito estabelecido pelos textos, sempre relacionados, em algum aspecto, com a realidade dos alunos participantes. Daí a proposta de mostrar uma *literatura viva*, que contribua na formação de leitores e/ou professores leitores.

O vínculo com o estágio supervisionado, a partir de 2003, foi extremamente importante, pois se valorizou aquele momento em que os alunos preparavam e ministravam aulas. Por conta disso, os encontros de preparação, que aconteciam na Faculdade, passaram a ser nas escolas estaduais onde o projeto acontecia,

visando garantir o contato com o ambiente de trabalho dos futuros professores.

Embora iniciamos com alguns conceitos imprecisos sobre o trabalho com a leitura e formação docente, percebemos que, já no primeiro projeto, os monitores se beneficiavam com a experiência. Percebemos em seus relatórios o prazer da descoberta e identificação com obras e autores. Durante a elaboração e planejamento das aulas, notamos que a responsabilidade e o compromisso, tanto com os colegas do grupo como com os alunos participantes, impulsionavam a auto-aprendizagem e a pesquisa, certamente vinculada ao ensino. Os futuros professores percebiam a necessidade da formação contínua e permanente.

Enfim, verifica-se que o Projeto contribui primeiramente para a formação do leitor, pois o acesso à literatura acontece de forma descontraída e o aluno descobre os textos literários associados à vida. O trabalho em equipe impulsiona a pesquisa, que conseqüentemente propicia a descoberta e a compreensão das obras. A partir daí ele passa a apreciar o que lê. Isso implica perceber a importância desse tipo de trabalho de extensão, já que possibilita ao estudante adquirir maturidade intelectual calcada na experiência e na vivência, que amplia os conhecimentos teóricos relacionando-os com a prática de sua formação pessoal e profissional. Afinal, como diz Jorge Luis Borges: “o que faz um professor é buscar amigos para estudantes. O fato de que sejam contemporâneos, de que estejam mortos há séculos, de que pertençam a esta ou àquela região, isso é o de menos. O importante é revelar a beleza e só se pode revelar a beleza que alguém sentiu”. O professor que sentiu a beleza de uma história literária e que vivencia a magia da leitura saberá compartilhar suas amizades e fazer novos amigos.

### ■ Considerações finais

Segundo Saviani (1992), o trabalho educativo é o ato de produzir humanidade:

(...) a compreensão da natureza da educação enquanto um trabalho não material cujo produto não se separa do ato de produção nos permite situar a especificidade da educação como referida aos conhecimentos, idéias, conceitos, valores, atitudes, hábitos, símbolos sob o aspecto de elementos necessários à formação da humanidade em cada indivíduo singular, na forma

de uma segunda natureza, que se produz, deliberada e intencionalmente, através de relações pedagógicas historicamente que se travam entre os homens (Saviani, 1992, p. 29).

Nessa mesma linha, entendemos como Antonio Cândido, a literatura como processo de humanização.

Humanização é o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (1982, p. 03).

Assim, pensar que uma das funções da escola, talvez a principal, é formar sujeitos sociais, humanizados e leitores da realidade em que se inserem, implica garantir uma ação educacional voltada para o desenvolvimento dessa competência. Nesse contexto, os cursos de Letras, da Faculdade de Educação de Pirassununga, através de seus projetos, articulando-os à pesquisa e ao ensino em sala de aula, proporcionam um espaço em que os alunos monitores vivenciam os problemas que a futura profissão pode apresentar e os fazem refletir e buscar soluções, o que certamente contribui para a sua formação docente.

As análises dos relatórios que os monitores fazem ao final de cada semestre, dos questionários e dos relatos dos participantes da Mesa Redonda permitiram concluir quais as contribuições que mais são citadas pelos alunos.

Observamos que, como os alunos não trabalhavam no magistério antes, todos apontaram a contribuição do projeto na vida deles hoje como docentes como fator primordial, pois era a forma de vincularem a teoria da sala de aula com a prática da futura profissão.

“Minha atuação como monitora no projeto contribuiu para a construção de minha prática pedagógica, pois como não lecionava durante a faculdade, eu pude manter contato com materiais e conteúdos pedagógicos, pois tínhamos que preparar aulas, corrigir trabalhos dos participantes, propor aos adolescentes aulas atrativas”.

“Participar do projeto fez diferença porque não ficamos presos só à teoria, pudemos pôr em prática o que nos foi dado em sala de aula.”

Percebemos também, que o contato com os alunos proporcionaram em alguns o despertar para a profissão, pois afirmam que iniciaram o curso com outros objetivos e tornaram-se professores, inclusive efetivando-se em concursos públicos. É importante notar que a vivência dos projetos os leva a demonstrar uma preocupação com a postura em sala de aula e com alternativas didáticas para despertar a atenção dos alunos, o que comprova o comprometimento com a profissão.

“Esse envolvimento com a preparação do projeto, a minha preocupação em ministrar aulas, o planejamento, enfim, quando olhei para aqueles rostos esperando aprender alguma coisa, percebi que poderia fazer alguma coisa por eles e por muitos outros. E foi essa a diferença, o meu objetivo era de ser revisora e me tornei professora.”

“Os aprendizados da docência que adquiri como monitora do projeto foram muitos, tais como: disinibição para falar em público, descoberta de minha vocação para o magistério, desenvolvimento de trabalho em grupo, desenvolvimento de uma metodologia, voltada para despertar o interesse do público adolescente para a prática de leitura”.

Os estudantes que passam pelo projeto também tornam-se mais críticos quanto à postura em sala de aula, daí a importância da supervisão, pois os professores, acompanham e refletem junto com os monitores as situações vivenciadas.

“Eu acho que foi muito importante para a gente(...). Porque às vezes a gente tinha seminário na sala de aula (...) e nosso trabalho tinha que ter começo, meio e fim, tem ter tudo em ordem, tudo esquematizado, não podia sair nada errado(...) Tinha algumas amigas nossas que chegavam lá, e, nossa, ficavam tortas, vai pelo fim, passa pelo meio e volta para o começo(...) Aí a gente fala: ‘Está faltando um projetinho’!(...) acho que a gente aprendeu muito”.

A busca pela pesquisa do conteúdo a ser trabalhado ajudou na conscientização de que a aprendizagem é contínua, de que a leitura precisa ser constante na vida e os estimulou à autonomia de estudos.

“Como é meu primeiro ano no magistério, tenho lido muito para me auxiliar na didática que devo adotar para melhorar a aprendizagem, comportamento e, principalmente, para tornar a aula agradável aos alunos, incentivando-os a voltarem à escola no dia seguinte”.

Os estudantes demonstram a preocupação pela busca constante de leituras para informação ou multiplicação de leitores, posicionam-se como professores-leitores e mostram-se mais criativos na busca de alternativas para a montagem da aula;

“(...)sou uma professora-leitora e adotei em sala de aula o hábito de ler um livro para os alunos em uma aula pré-determinada. Isso ajuda bastante, pois eles ficam esperando o dia da leitura para saber o que aconteceu na história. Procuro ler para eles, livros que ainda não, pois juntos descobrimos o desenrolar da aventura. É muito interessante.”

“(...)com o projeto aprendi formas diferentes de leitura e de entendimento da leitura. Anteriormente eu lia por ler, agora eu leio com mais profundidade, tento ver o que está nas entrelinhas. E isso, eu aprendi nos três anos que participei do projeto Literatura Viva.”

“Penso que todo trabalho exige leitura. Há muita informação e muitos meios pelos quais essas informações chegam até nós. Quanto mais se lê, mais condições temos de diferenciar o que é bom, o que nos serve, daquilo que apenas nos consome. Muito da dificuldade e desinteresse pela leitura, talvez venha da dificuldade de interpretação. Então, quando se desenvolve um trabalho de maneira especial e diferente, se desperta muito mais o gosto pela leitura, e mesmo o gosto pela vida.”

Esses apontamentos comprovam a importância do desenvolvimento de projetos que contribuam para a formação de uma prática docente eficiente, preocupada com o aprimoramento da habilidade de ler e com a multiplicação de leitores. Nos cursos de licenciaturas eles

proporcionam o enlace teórico-prático, em que a leitura de mundo e a leitura acadêmica são proporcionam o envolvimento e o comprometimento com a profissão. Nesse sentido, a aula se tornará um trabalho pautado em uma leitura de texto e de contexto.

Enfim, diante destas considerações iniciais, afirmamos que, embora seja comum o termo extensão comunitária representar a face social da universidade, é preciso pensá-lo de maneira formativa e relacionada ao ensino e à pesquisa. Isso implica perceber a sua importância, já que possibilita ao estudante adquirir maturidade intelectual calcada na experiência e na vivência, que amplia os conhecimentos teóricos relacionando-os com a prática de sua formação pessoal e profissional. Afinal, em um país marcado pela desigualdade social e cultural, não dá para ficarmos esperando uma reforma no pensamento educacional, com uma política de estado que propicie o incentivo à leitura e a boa formação do professor.

#### ■ Referência Bibliográfica

- AZEVEDO, Ricardo. “Formação de leitores e Razões para a Literatura”. In: SOUZA, Renata J. *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: Difusão Cultural do livro, 2004
- BAKHTIN, M. \_\_\_\_\_. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Companhia das Letras, 2000.
- CANDIDO, Antonio. “O direito à Literatura”. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Autores Associados, 1982.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: 1996.
- FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- MARTINS, Maria Helena. Entrevista concedida em 5 de novembro de 2001. In: [www.ufpr.com.br](http://www.ufpr.com.br), consultado em 27/06/2006.
- Perrone-Moisés, Leyla. *Altas Literaturas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- PERROTI, Edmir. *Leitores, ledores e outros afins* (apontamentos sobre a formação do leitor). Disponível em [http://www.leiabrasil.org.br/material\\_apoio](http://www.leiabrasil.org.br/material_apoio). Acesso em 28/jun/2005.
- OLIVEIRA, Maria Lília Simões. Entrevista concedida em

5 de novembro de 2001. Disponível em <http://www.ufpr.com.br>, consultado em 27/06/2006.

ORLANDI, E. *Discurso e Leitura*. Campinas: Cortez, 1996.

#### ■ Notas

<sup>1</sup>Informação baseada nas informações da pesquisa realizada em 2005: As contribuições dos Projetos de Extensão na Formação de Professores da Educação Básica, desenvolvido pelas professoras Inês Regina Waitz, Anterita C. de Souza Godoy e Maria Beatriz Bressan.